

Um livro de Hilton Federici

Cmf 22.2.36

Francisco Ribeiro Sampaio

Acaba de sair o livro "Símbolos Paulistas", publicação póstuma de autoria do Professor Hilton Federici.

É opúsculo que se lê de uma assentada. Curioso.

Fruto do trabalho honesto de investigação histórica desse mestre nunca assaz lembrado, que fez parte da Congregação dos Professores do "Culto à Ciência", foi sócio relevante da Academia Campinense de Letras, e ornamento entre os professores da Pontifícia de Campinas, cuja cátedra de Geografia perlustrou.

Publicação oficial da Secretaria de Cultura, Comissão de História e Geografia de S. Paulo.

Faz o histórico da bandeira e do brasão de armas do Estado de S. Paulo, a sua descrição e interpretação ou leitura.

Satisfez-me amplamente o livro e agrada por sem dúvida a todos que o lerem, pois ministra ensinamentos úteis acerca da origem desses símbolos, sua evolução morfológica e, por amor de esclarecer-nos bem, discorre, sem excessos que poderiam enfadar, sobre a heráldica paulista e paulistana.

Assim, por exemplo, ficamos sabendo que a bandeira das treze listas, tão exaltada nos poemas "constitucionalistas" e patrióticos de Guilherme de Almeida, havia sido desenhada de primeiro por Júlio César Ribeiro Vaughan para ser a nova bandeira do Brasil, ao ser proclamada a República.

Chegou a ser hasteada como tal no Palácio do Governo Provincial de S. Paulo no dia da proclamação da República.

Mas logo no dia 19 de novembro — quatro dias empós! — o Governo Provisório da República baixa um dos seus primeiros decretos, o de número 4, e estabelece para a bandeira nacional as cores verde e amarela, aliás imitando nisso a bandeira brasileira do Império.

Dal em diante, passa a usar-se ela, a bandeira alvinegra, como bandeira paulista, por consenso geral e é hasteada sem-

pre, ao que parece, nas escolas públicas, de sorte que muita gente a tem até por bandeira escolar.

Passa a ser a bandeira tradicional de S. Paulo.

O que assaz me comoveu na história que Hilton Federici traça, não só da bandeira, senão que também do brasão de S. Paulo, é o fato de ambos somente terem sido oficializados durante a epopéia de 32 no governo de Pedro de Toledo.

No desenho de Júlio Ribeiro a bandeira apresentava quinze listas, sofreu redução delas para treze, parece que por motivos estéticos-heráldicos.

O estilo de Hilton Federici é despreten-sioso mas certo. Como convém a uma obra de divulgação que deve ser didática e primar pela clareza.

Cuidadoso da língua que procurava servir com escrúpulos de patriota era o meu saudosos amigo e antigó colegá.

E era bom paulista para ser bom brasileiro.

Sente-se-lhe pulsando forte o coração a Hilton Federici quando refere a guerra de S. Paulo, como chama Tristão de Ataíde à Revolução Constitucionalista de 32. Tristão reconhece a sinceridade patriótica desse levante de toda a gente de S. Paulo. Ao tempo foi infamado de movimento separatista pela Ditadura.

E que maior prova da pureza patriótica dos ideais de São Paulo de 1932, do que o seu próprio brasão de armas em cujo listel se lê "Pro Brasilia fiant eximia", pregão de amor e devoção à pátria comum?

O livro de Hilton Federici, como vêem, bole com as fibras sensíveis do coração da gente. Merece ser lido nas escolas secundárias, para quem é principalmente endereçado. Mas aos alunos universitários fará outrossim bem a leitura de "Símbolos Paulistas".

O livro trata ainda do brasão da capital paulista com o seu famoso lema: "Non duco, duco".

Livros do Povo - 1º - IV - 1982